

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM LÍNGUA INGLESA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL

Autor: Michael Gouveia de Sousa Júnior¹
Universidade Estadual da Paraíba - mikesousajunior@gmail.com

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo geral utilizar a ferramenta sequência didática (SD) para estimular e promover o ensino de Língua Inglesa (LI) de maneira contextualizada, além de evidenciar as consequências de sua aplicação numa turma da 9º série do ensino fundamental II de uma escola pública estadual da cidade de Campina grande-PB. Para isso, elencamos como objetivos específicos: (I) evidenciar no arcabouço teórico deste trabalho definições e características de uma SD; (II) elaborar uma SD para o contexto de uma turma de 9º ano do ensino fundamental II de uma escola pública estadual de CG; (III) Utilizar o gênero textual *curriculum vitae* como base da SD, com a finalidade de estimular o ensino de LI. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa-ação qualitativa, na qual usamos como *corpus* de análise produções de dois momentos distintos (inicial e final) de uma SD aplicada no contexto já citado. A análise dos dados nos possibilitou concluir que a SD é uma ferramenta importante e flexível para o ensino de LI, pois leva em consideração o contexto no qual será aplicada. Por fim, os dados referentes à produção inicial evidenciaram que 81 % dos alunos produziram um currículo com no máximo três características². Já os dados da produção final asseveraram que 93% obtiveram um significativo desenvolvimento, pois em 79% dessas produções os alunos produziram um currículo com no mínimo quatro características e no máximo cinco.

Palavras-chave: Estágio supervisionado, Sequência didática, Língua Inglesa, Currículo.

INTRODUÇÃO

Uma difícil provação que é imposta aos professores de Língua Inglesa (LI) no processo de ensino-aprendizagem é a de evidenciar aos alunos que os conteúdos ministrados em sala de aula de LI são importantes para atender as necessidades sociais demandadas pelo cotidiano.

Para viabilizar a evidenciação citada, a sequência didática (SD) surge como uma proposta em primeiro momento para o ensino de línguas, dispondo das características necessárias para esse processo, pois de acordo com Dolz (2004) ela é uma união de várias atividades divididas em etapas que se complementam e visam estabelecer um desenvolvimento progressivo e formativo dos alunos através da seleção de conteúdos específicos para a produção de um determinado gênero textual.

¹ Membro do Grupo de estudos em formação docente de línguas estrangeiras – GEFDLE da UEPB.

² O termo “características” faz referência às partes que compõem o GT currículo.



Nesse contexto, o presente trabalho teve como objetivo geral utilizar a ferramenta sequência didática para estimular e promover o ensino de LI de maneira contextualizada, além de evidenciar as consequências de sua aplicação numa turma da 9ª série do ensino fundamental II de uma escola pública estadual da cidade de Campina grande (CG)-PB.

Para isso foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (I) evidenciar no arcabouço teórico deste trabalho definições e características de uma SD; (II) elaborar uma SD para o contexto de uma turma de 9º ano do ensino fundamental II de uma escola pública estadual de CG; (III) utilizar o gênero textual *curriculum vitae* como base da SD, com a finalidade de estimular o ensino de LI.

Diante dessas afirmações, o seguinte tópico evidencia algumas definições e características que norteiam o entendimento do que vem a ser uma SD e de como a mesma funciona.

DESENVOLVIMENTO

Nesta seção do trabalho são discorridas, à luz da teoria, algumas concepções existentes sobre SD, bem como as suas características e consequências no processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa.

Definições

A Sequência didática é de acordo com Dolz (2004) uma junção de atividades sistematicamente organizadas desenvolvidas no âmbito escolar em função de um determinado gênero textual podendo ele ser oral ou escrito, ou seja, um conjunto atividades sistemáticas que almejam o domínio de um gênero de texto através de um trabalho dividido em etapas.

Cristovão (2008) também entende que a SD é um conjunto organizado de atividades gradativas que objetivam o desenvolvimento de capacidades linguísticas demandadas pelo gênero textual escolhido para ser trabalhado em sala de aula. Araújo (2013) entende de forma simples que uma SD é a maneira do professor organizar suas atividades de ensino, moldando-as de acordo com temáticas a serem abordadas.

De acordo com Kobashigawa (2008 *apud* Leal 2013), SD é um conjunto atividades estratégicas, interventoras e planejadas em etapas pelo professor para que haja o entendimento do conteúdo a ser exposto pelos alunos, assemelhando-se a um plano de aula. No entanto a SD dispõe de amplitude maior por se valer de um grande número de estratégias de ensino e aprendizagem.



As definições apresentadas acima evidenciam uma notável concordância entre o entendimento dos autores sobre o que é sequência didática. Todos concordam que a SD é um conjunto de atividades planejadas e interligadas desenvolvidas de maneira gradativa em função do desenvolvimento de habilidades demandadas por um determinado gênero textual ou conteúdo proposto.

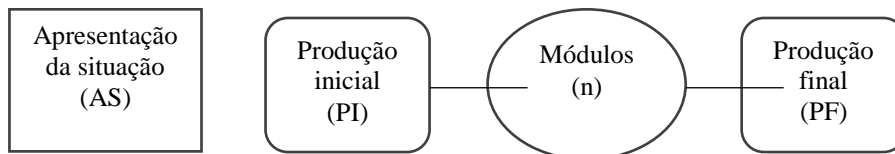
Diante da evidenciação de concepções que clareiam o entendimento do que é uma SD, o próximo tópico objetiva evidenciar as características de uma sequência didática e as consequências que cada uma proporciona no processo de ensino-aprendizagem.

Características de uma SD

A SD é um material didático como já foi mencionado no tópico anterior organizado, ou seja, ela dispõe de uma estrutura dividida em etapas e cada uma dessas etapas apresenta suas próprias características e consequências no desenvolvimento das atividades propostas pela SD.

De acordo com Dolz (2004), a SD possui de maneira geral quatro partes diferentes, mas complementares, a saber:

1º figura, esquema de uma sequência didática.



Fonte: Adaptado de Dolz et al. (2004, p. 83)

A primeira etapa da SD é a apresentação da situação³, este é o momento no qual os professor (es) ou aplicador (es) expõem para os alunos todo o conjunto de atividades que serão realizadas ao longo do período que a SD exigir, além de evidenciar o que será realizado no momento destinado a produção final. O autor (2004) enfatiza que a apresentação da situação é um momento decisivo para a SD, pois é nele que os alunos constroem as próprias representações da situação comunicativa a ser executada.

É necessário na apresentação da situação que os alunos compreendam de maneira bastante clara a situação comunicativa, ou seja, o gênero textual que precisarão produzir, além de

³ Nesse momento a SD deve estar pronta, ou seja, com todas as atividades planejadas e sistematizadas. No entanto, ela também precisa estar aberta a modificações que poderão ser feitas a partir da etapa produção inicial.



entenderem a principal finalidade dele e em qual situação social deverão utilizá-lo. Também se faz necessário que os alunos percebam a importância dos conteúdos selecionados para as atividades planejadas na SD, ou seja, eles precisam entender que os conteúdos escolhidos são necessários para a produção final.

A segunda etapa da SD é a produção inicial (PI), de acordo com Ferreira (2016) este é o momento no qual os alunos terão seu primeiro contato com o gênero textual que embasa toda a produção e aplicação da SD. A autora também assevera que a PI tem a função de diagnosticar as necessidades de produção textual dos alunos com relação ao gênero escolhido.

Dolz (2004) evidencia que a PI permite que os alunos demonstrem as capacidades que já dispõem e, também, seus pontos fortes e fracos. O autor afirma que essa etapa define os pontos nos quais o professor pode realizar intervenções, além de permiti-lhe perceber o caminho que o aluno ainda precisa percorrer.

Para Dolz (*op. Cit.*) a PI também é vista por duas perspectivas diferentes, a primeira é a do aluno na qual o mesmo pode ser capaz de descobrir o que já sabe a respeito do gênero textual e também se conscientizar dos problemas que encontra, fazendo das atividades propostas pela SD as ferramentas necessárias para o seu desenvolvimento. A segunda perspectiva é a do professor, ou seja, a PI é um momento de observação que o permite adaptar e moldar a SD às capacidades atuais dos alunos de uma determinada turma, realizando um processo de avaliação contínua e formativa.

A terceira etapa da SD é composta por módulos ou oficinas de acordo com Araújo (2013). A autora assevera que essa etapa é constituída de diversas atividades organizadas e sistematizadas de cunho progressivo, permitindo que os alunos adquiram as habilidades necessárias para produzir o gênero textual alvo. Araújo (*op. Cit.*) assegura que o número de módulos é dado em função do gênero escolhido e do conhecimento que os alunos têm acerca do mesmo.

Ferreira (2016) converge com Araújo (*op. Cit.*) em relação à terceira etapa, pois entende que os módulos são formados por atividades diversas que têm a finalidade de fazer com que os alunos adquiram as habilidades linguísticas necessárias para a produção textual, além de também afirmar que essa etapa é um processo contínuo e formativo.

A última fase da SD é a produção final (PF), para Dolz (*op. Cit.*) esse é o momento no qual o aluno pode colocar em prática todas as habilidades adquiridas durante os módulos, permitindo que ele perceba o que foi capaz de aprender e o que ainda lhe falta.

A PF também é o momento utilizado pelo professor para realizar uma avaliação somativa, ou seja, a produção final de texto não é o instrumento único de pontuação ou conceituação, e sim uma



parte da avaliação. De acordo com o autor, a avaliação é progressiva, levando em consideração todo o processo estabelecido pela SD somado à produção final.

Ferreira (2016) segue a mesma linha de pensamentos que Dolz (*op. cit*), afirmando que a produção final é o momento de realizar a avaliação somativa e acrescenta que a PF permite ao professor analisar o resultado final de todo o processo, utilizando táticas como a comparação das produções inicial e final.

As etapas apresentadas acima revelam que a SD é um material dividido em diferentes partes, porém todas são ligadas entre si, permitindo que o processo seja realizado com mais efetividade. Cada etapa possui suas características que geram consequências tanto no âmbito do aluno quanto no âmbito do professor. Por fim, é possível notar que a SD não é um material planejado, mas não finalizado. As várias etapas interligadas garantem a SD uma organicidade aberta a modificações que se fazem necessárias para alcançar o público alvo.

Diante dessas afirmações sobre SD, o tópico a seguir apresenta os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento deste trabalho.

METODOLOGIA

No que concerne à metodologia, esta pesquisa ocorreu como resultado da aplicação de uma SD nas aulas de LI de uma turma de 9º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Escritor Alceu do Amoroso Lima, situada no bairro das Malvinas, na cidade de Campina Grande-PB que oferta os Ensinos Fundamentais I e II e uma organizada estrutura aos alunos.

A respeito da estrutura física, a escola é organizada e possui 11 salas de aula, que no período da manhã comportam os alunos do ensino fundamental II, ou seja, do 6º ao 9º ano. No período da tarde comportam os alunos de ambos os níveis, ou seja, fundamental I e II. E no período da noite, a escola oferta o EJA (ensino de jovens e adultos).

Para fins deste trabalho, uma SD com cinco módulos foi elaborada com base no gênero textual *curriculum vitae* com o propósito de tornar o ensino de Língua Inglesa mais efetivo, aproximando os aspectos trabalhados em sala de aula com o cotidiano do aluno, que neste caso ocorre através da produção do gênero. Ele é recorrente nos dias atuais entre os jovens, principalmente entre aqueles que possuem idades entre 14 e 24 anos que nunca trabalharam formalmente e, hoje contam com o incentivo dos programas 1º primeiro emprego e jovem aprendiz.

No que concerne à classificação metodológica, este trabalho é classificado em dois aspectos diferentes, o primeiro é do tipo qualitativo e o segundo é o da pesquisa - ação. Segundo Williams e



Chesterman (2002), uma pesquisa é designada qualitativa por tentar descrever a qualidade dos dados coletados, neste caso coletados por meio da aplicação de uma SD, de forma elucidativa, a partir da interpretação dos mesmos. Através desse tipo de pesquisa, é possível descrever o que pode acontecer em casos específicos, mas não é possível obter conclusões universais, visto que os resultados obtidos dizem respeito ao contexto (o da referida escola) em que os dados são coletados e aos participantes envolvidos (os alunos do 9º B da manhã).

De acordo com Santos *et al* (2007), o aspecto do tipo pesquisa – ação é caracterizado pela participação do pesquisador que durante um determinado tempo, convive no local de pesquisa com os sujeitos que o compõem, analisa os resultados e propõe uma ação modificadora naquela realidade, através de uma forma de ação planejada que possui caráter social, educativo, técnico dentre outros. Neste trabalho, o convívio aconteceu entre os aplicadores da sequência didática e os aprendizes de LI da turma do 9º ano do ensino fundamental II da já mencionada escola, durante seis encontros, ou seja, o equivalente a um mês e uma semana de aula de LI.

Diante da apresentação dos procedimentos metodológicos, a próxima etapa deste trabalho apresenta os dados óbitos através da aplicação da SD.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Produção inicial x Produção final

Nesta seção do trabalho são evidenciados, discutidos e comparados os dados obtidos para esta pesquisa através da aplicação de uma SD. Eles são divididos em duas partes, pois são referentes a dois momentos distintos da sequência. A primeira parte é voltada para análise da produção inicial e a segunda é voltada para a análise da produção final, levando em consideração as características que os alunos atribuíram ao gênero textual em suas produções no início da SD e no final da mesma.

Produção inicial

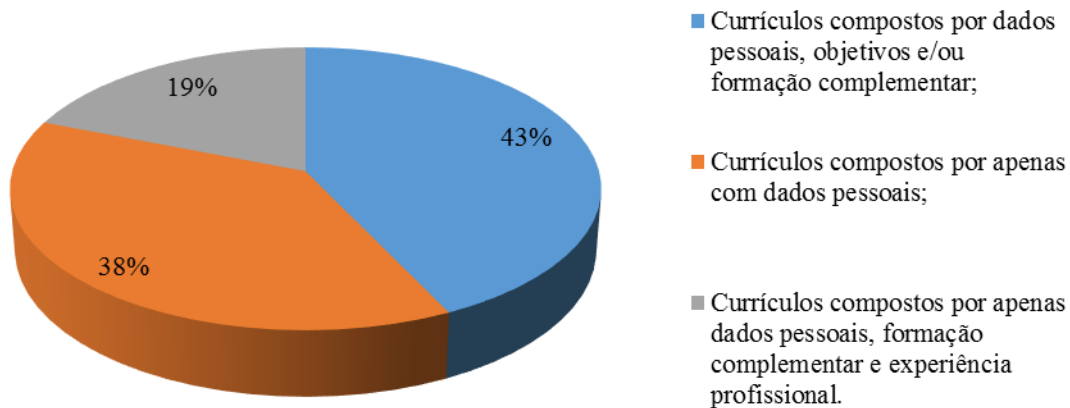
De acordo com Ferreira (*op. Cit.*), a PI é o momento que proporciona ao aluno o primeiro contato com gênero textual proposto pela SD. Nessa fase, os alunos precisam utilizar todo o conhecimento que dispõem a respeito do GT para poderem produzi-lo. Segundo Dolz (*op. Cit.*), é nesta etapa que o aluno se conscientiza dos problemas que tem no que concerne à produção textual.

Os autores asseveram que na perspectiva do docente, a PI atua como um diagnóstico que o possibilita verificar quais são as necessidades dos alunos, além de deixar claro em quais aspectos o professor poderá e/ou deverá intervir.



Nesse contexto, o gráfico abaixo evidencia a quantidade de PI escritas, levando em consideração o que os alunos já sabiam previamente sobre o gênero produzido.

Gráfico 1: análise quantitativa das 21 produções iniciais do currículo.



Fonte: elaborado pelo autor.

O gráfico 1 representa o momento da PI no qual os alunos tiveram o primeiro contato com o GT proposto pela SD, sem serem expostos as suas atividades. Assim, é possível entender que os alunos não seguiram uma uniformidade na produção do gênero, ou seja, o produziram de formas diferentes, a saber: 43% entendeu que um currículo é composto apenas por dados pessoais, objetivo e/ou qualificação; 38% entendeu que um currículo é composto apenas por dados pessoais e 19% entendeu que o gênero currículo é composto por dados pessoais, formação complementar e experiência profissional.

Diante dessas informações, podemos entender que os dados acima representam como os alunos entendiam até então o gênero textual currículo, quais características eles consideravam mais importante para a sua produção e o que os eles não sabiam a respeito do GT.

A evidenciação do que os alunos sabem sobre o gênero abre espaço para inferir o que eles não sabem através de um contraste entre as características exigidas pelo currículo e aquelas atribuídas a ele pelos alunos no momento da PI. Nesse contexto, é possível entender o papel e a importância do momento PI que diante da situação exposta proporcionou aos aplicadores da SD o diagnóstico



asseverado por Ferreira (*op. Cit.*) e também evidenciou os aspectos nos quais eles precisaram intervir de acordo com Dolz (*op. Cit.*) durante a aplicação da SD, para que os alunos soubessem quais características atribuir ao GT no momento da produção final.

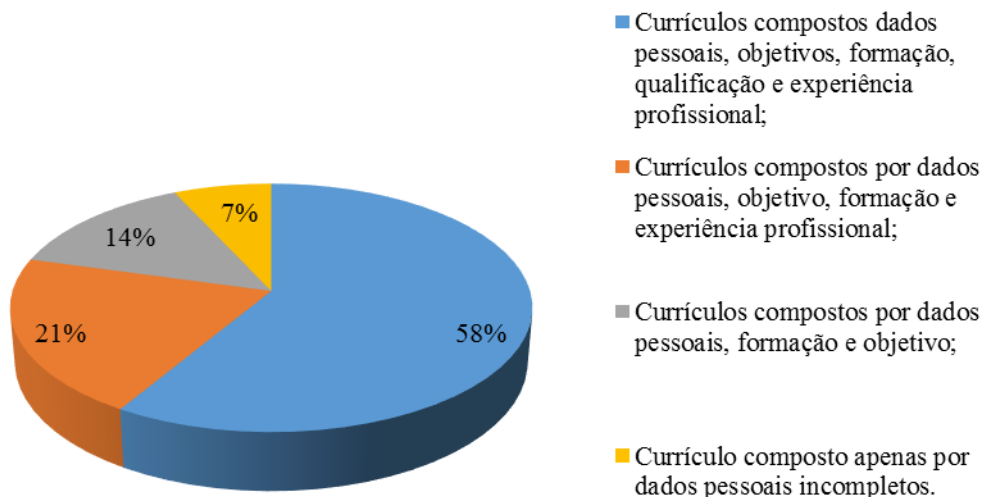
Produção final

De acordo com Dolz (*op. Cit.*) a PF é o momento que possibilita ao aluno o colocar em prática as habilidades adquiridas durante a aplicação da SD, permitindo que ele se conscientize do que foi capaz de aprender e o que ainda lhe falta no que concerne à produção do GT trabalhado.

Ferreira (*op. Cit.*) afirma que a PF é o momento que possibilita a realização da avaliação somativa. De acordo com a autora, a mesma permite ao docente analisar os resultados finais de todo o processo de aplicação da SD, utilizando táticas como a comparação das produções inicial e final.

Diante dessas afirmações, o gráfico abaixo evidencia as produções finais escritas pelos alunos no término da SD, levando em consideração as características que eles atribuíram ao gênero após serem expostos a todas as etapas da SD.

Gráfico 2: análise quantitativa das 14 produções finais do currículo.



Fonte: elaborado pelo autor.

O gráfico acima representa o momento da PF no qual os alunos tiveram a oportunidade de acordo com Dolz (*op. Cit.*) de colocar em prática todas as habilidades aprendidas ao longo



aplicação da SD. Nesse contexto, é possível verificar que assim como ocorreu na PI, os alunos não seguiram uma plena uniformidade na produção do gênero, ou seja, eles o produziram de formas diferentes, mesmo que em algumas produções a diferença tenha se dado por causa de apenas uma característica.

58% dos alunos presentes no momento da PF entenderam que um currículo é composto por dados pessoais, objetivo, formação, experiência profissional e formação complementar; 21% dos presentes entenderam que um currículo é composto por dados pessoais, objetivo, formação e experiência profissional; 14% dos que participaram da PF entenderam que o gênero currículo é composto por dados pessoais, objetivo e formação e 7% dos que produziram a PF entendeu que o GT é composto apenas por informações pessoais (incompletas).

Com base nos dados evidenciados acima é possível afirmar que a 93% (soma da primeira, segunda e terceira categorias evidenciadas pelo gráfico) dos alunos presentes no momento da PF apresentaram um desenvolvimento significativo (resultante da aplicação da SD) no que concerne a produção do GT currículo em comparação com os dados obtidos nas PI levando em consideração as características que eles atribuíram ao gênero.

No momento da PI, os alunos atribuíram ao GT currículo no mínimo “uma” característica e no máximo “três”. Já no momento da PF, a maior parte das produções atribuiu ao GT entre “três” e “cinco” características, ou seja, a quantidade mínima de características atribuídas ao GT pela maioria das PF é na PI a quantidade máxima. Essa informação nos possibilita constatar que a SD realmente proporcionou um significativo desenvolvimento no que concerne à produção do gênero citado que foi produzido em LI.

Diante das informações apresentadas, evidenciamos a seguir a conclusão deste trabalho.

CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, buscou-se atingir o objetivo geral que é utilizar a ferramenta SD para estimular e promover o ensino de LI de maneira contextualizada, além de evidenciar as consequências de sua aplicação numa turma da 9º série do ensino fundamental II de uma escola pública estadual da cidade de Campina grande (CG)-PB e os objetivos específicos: (I) evidenciar no arcabouço teórico deste trabalho definições e características de uma SD; (II) elaborar uma SD para o contexto de uma turma de 9º ano do ensino fundamental II de uma escola pública estadual de CG; (III) Utilizar o gênero textual *curriculum vitae* como base da SD, com a finalidade de estimular o ensino de LI.



No que concerne à SD, foi possível constatar que ela é uma ferramenta bem articulada e de significativa relevância para o ensino de LI de maneira contextualizada, pois cada etapa apesar de diferente é essencial para o desenvolvimento da posterior. E cada uma das etapas pode ser entendida e analisada tanto pelo viés do professor quanto pelo viés do aluno.

O trabalho com SD proporcionou um significativo entendimento, a saber: a sequência é um conjunto de atividades e planejamentos (que gira em torno de um gênero textual) flexível, ou seja, está aberta a modificações que são realizadas em função das necessidades do contexto no qual ela será aplicada, sendo verdadeiro afirmar que não é a SD que molda o contexto, ela é moldada por ele.

O momento da produção inicial foi muito importante para sondar o conhecimento prévio dos alunos a respeito do gênero trabalhado e assim como afirmam Dolz e Ferreira (*op. Cit.*), ele também proporcionou o diagnóstico dos alunos no que concerne a aquela produção específica naquele momento da SD, além de ter evidenciado para os aplicadores quais decisões eles precisaram tomar e em quais aspectos deveriam intervir.

O momento da produção final se configurou como a oportunidade dos alunos colocarem em prática as habilidades adquiridas durante a aplicação da SD como asseverado por Dolz (*op. Cit.*). Esse momento evidenciou dados que comprovam um significativo desenvolvimento no que concerne à produção do GT trabalhado ao estabelecer um paralelo comparativo entre as produções iniciais e finais.

No primeiro momento da SD, os dados asseveram que 81% dos alunos não conseguiam escrever um currículo com mais do que três características básicas exigidas pelo gênero. No término da SD, os dados evidenciam que 93% dos alunos foram capazes de escrever um currículo com no mínimo três características exigidas pelo gênero e, 58% dessas produções contemplaram as cinco características necessárias para um currículo que são informações pessoais, formação, objetivo, experiência profissional e formação complementar.

Por fim, é necessário salientar que a SD é uma importante ferramenta para o ensino de LI. Ela precisa de um gênero textual, de objetivos claros e possíveis de ser realizados de acordo com o contexto no qual ela será aplicada e precisa ser flexível, ou seja, aberta para sofrer modificações.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise Lino de. **O que é (e como se faz) sequência didática?** Fortaleza: Entrepalavras – ano 3, v. 3, n. 1, p. 322 – 334, 2013.

BEATO-CANATO; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. **O desenvolvimento de material didático com base no ISD**: propostas, dificuldades, contribuições. Revista pesquisas em discurso pedagógico, p. 1 – 18, 2008.

CHESTERMAN, A.; WILLIAMS, J. **The Map**: A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies. Manchester: St. Jerome, 2009.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, Roxane e CORDEIRO, Glais Sales. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 81 – 108.

FERREIRA, Telma Sueli Farias. **Produção e aplicação de sequências didáticas**: Experiências de futuros professores de Língua Inglesa/Telma Sueli Farias Ferreira (Org.). Jundiaí, Paco Editorial, 2016.

LEAL, Cristianni Antunes. **Vamos brincar de quê?**: Os jogos cooperativos no ensino de ciências / Cristianni Antunes Leal; Orientadora Giselle Rôças. -- Nilópolis, RJ, 2013.

SANTOS, Gisele do Rocio Cordeiro Mugnol; MOLINA, Nilcemara Leal; DIAS, Vanda Fattori. **Orientações e dicas práticas para trabalhos acadêmicos**. Curitiba: Ibplex, 2007.